

# DIFERENTES OLHARES PARA OS PROCESSOS DE AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM

---

Lidiomar José Mascarello \*

**RESUMO:** *no presente artigo, discutem-se características do desenvolvimento sintático em crianças em processo de aquisição da linguagem. O principal objetivo é verificar como esse processo acontece: como uma criança aprende a falar? O que provoca surpresa e estranhamento é o fato de a criança não falar. Entretanto, o falar está envolvido e imbricado em um profundo processo sociocultural e de amadurecimento bio-psíquico do sujeito. Fez-se um estudo sobre literaturas existentes acerca do tema do desenvolvimento da sintaxe nas crianças. Utilizou-se como base as informações e os dados do processo de desenvolvimento e aquisição da sintaxe do sujeito PA, disponíveis na plataforma Childes. PA é um indivíduo que tem como língua materna o Português do Brasil. Observou-se que em um período breve o sujeito PA teve um grande progresso e que apesar da limitação dos estímulos (input linguístico fragmentado) é notória a mudança e a evolução sintática. A partir das análises, infere-se que a aquisição da linguagem depende de estratégias que a criança desenvolve ou se utiliza para compreender, extrair, opor, agrupar, reproduzir, generalizar e empregar em seu discurso. Cada criança reutiliza, reestrutura, recria à sua maneira e de acordo com suas capacidades.*

**PALAVRAS CHAVE:** *aquisição; linguagem; sintaxe.*

**ABSTRACT:** *in this paper we are going to discuss some characteristics of children's development in syntax during the acquisition process. Our main objective is to verify how this process takes place. That is why we ask how a child learns to talk, but the fact that generates surprise is that the children don't talk. However, speech is involved in a deep sociocultural process related to the biopsychic development of children. Thus we have studied various literatures about children's development in syntax. In order to develop the research, we have used information and data from a platform called Childes. Among that data we chose a subject we will call PA that has Portuguese as his/her mother language. We have observed that PA had great progress in a short period and that, besides the limitation of stimulus (fragmented linguistic input), it is visible his/her syntactic evolution. From the analyzes we could infer that language acquisition depends on strategies that children develop or use to comprehend, extract, oppose, group, reproduce, generalize and use in their discourse. Each child reuses, restructures and recreates things according to his/her individual characteristics and capacities.*

**KEYWORDS:** *acquisition; language; syntax.*

---

\* Doutorando em Linguística da Pós-Graduação em Linguística - UFSC Mestre em Linguística - UFSC

## 1. CONSIDERAÇÕES SOBRE AS ETAPAS DE GRAVAÇÕES DE PA E OUTRAS OBSERVAÇÕES

As primeiras pesquisas sobre aquisição da linguagem foram realizadas entre 1876 e 1926 e preocupavam-se em observar o surgimento e o desenvolvimento da linguagem nas crianças. Esses estudos iniciais eram baseados em diários elaborados por linguistas e filólogos a partir do registro da fala espontânea dos próprios filhos. Esses diários tinham como objetivo registrar o que as crianças faziam com relação à linguagem, a partir de uma observação constante, configurando, assim, pesquisas longitudinais. Eram trabalhos descritivos e relativamente intuitivos (FINGER & QUADROS, 2008).

A principal forma de observação dos primeiros estudos sobre a aquisição da linguagem era baseada em uma visão teórica behaviorista, que assumia que a aprendizagem de uma língua se dava pela exposição ao meio e em decorrência da imitação e do reforço.

Entretanto, dado ao avanço das ciências que se preocupam em estudar a aquisição da linguagem constatou-se que a fala da criança vai muito além da imitação. É sabido que a linguagem é a articulação lógica de sons e palavras envoltas em regras gramaticais e significados, tornando-se assim uma das habilidades mais difíceis de ser interiorizada, envolvendo aspectos individuais de maturação e aprendizagem, ou seja, há necessidade de entrelaçar características internas, individuais e externas, socioculturais. Para realizar este estudo nos baseamos nos dados da plataforma CHILDES (mais detalhes em seguida quando trataremos da metodologia da pesquisa).

Os arquivos gravados foram organizados e divididos em três partes:

pt | florianopolis | CHI | 1;08.21 | male | family | middle-class | Target\_Child | |,arquivo pau001.

pt | florianopolis | CHI | 1;10.20 | male | family | middle-class | Target\_Child | |,arquivo pau002.

pt | florianopolis | CHI | 2;02.08 | male | family | middle-class | Target\_Child | |,arquivo pau003.

Na primeira fase de análise, a criança está com um ano, oito meses e vinte e um dias. Temos mais de sete mil enunciados gravados, entre falas dos adultos direcionadas à criança, falas da criança e comentários dos adultos. Pode-se perceber que as falas da criança são sempre pontuais, com no máximo duas palavras, a grande maioria são enunciados de uma palavra, que geralmente é um substantivo ou verbo, podemos considerar que está em transição do período olofrástico para o período das primeiras frases ou também chamado por alguns pesquisadores de período das duas palavras.

- \*CHI: carro . linha 75,
- \*CHI: pode ? linha 79,
- \*CHI: ponto, (pronto) linha 110.
- \*CHI: caiu ., linha 151,
- \*CHI: ó # ubô [= derrubou] . linha 186.
- \*CHI: botão . linha 236,
- \*CHI: po(d)e . linha 447,
- \*CHI: nenê linha 489.
- \*CHI: < mamãe > [>] . linha 1174,
- \*CHI: pocô [= porco=pig] mais, linha 1629

Há também alguns registros de outros elementos como: respostas sim e não, indicadores espaciais, principalmente aqui e lá, mas são muito pouco frequentes e em situação de insistência ou do investigador ou de um adulto.

Na segunda fase os dados de análise correspondem à criança com um ano dez meses e vinte dias, onde são encontrados mais de doze mil enunciados gravados, entre falas de adultos, comentários e falas da criança. Apesar de ser uma diferença de apenas dois meses da primeira etapa da gravação já é possível perceber algumas alterações. Pode-se constatar construções como:

- \*CHI: não dá. linha 129
- \*CHI: Paião da mãe . linha 135
- \*CHI: essa (a)qui [= aqui=here] . linha 174
- \*CHI: < foi boi > [>] linha 269
- \*CHI: não quero cadeira . linha 292
- \*CHI: não se(®)ve . linha 367
- \*CHI: põe ág(u)a . linha 564
- \*CHI: caí [\*] [= caiu] linha 639
- \*CHI: (a)cabô . linha 918
- \*CHI: < titia Léu [= Leonor] # olha o gagá@f> [>] linha 1329 (titia Leonor olha o gravador)
- \*CHI: é amassô . linha 1846
- \*CHI: eu vô usá ota cueca . linha 2627
- \*CHI: liga aqui . linha 8256

O que indica a ocorrência de um salto qualitativo significativo de transição da fase das duas palavras em direção das primeiras frases mais complexas e que rapidamente passará para grandes frases, ou seja, para frases com uma estrutura mais elaborada de acordo com a gramática dos adultos.

Na terceira fase, a criança está com dois anos, dois meses e oito dias. Encontram-se gravados mais de dez mil registros entre falas da criança, comentários e falas dos adultos. Notam-se sentenças com as seguintes estruturas:

- \*CHI: vamos acendi [: acende(r)] linha 40
- \*CHI: acende a luz . linha 47
- \*CHI: viu(.) vo(u) te most(r)a(r) .linha 205
- \*CHI: on(de) Luiz Gonzaga ? linha 219
- \*CHI: ma(is)(a)qui (.) na mi(nh)a ba(rr)iga . linha 372
- \*CHI: é (.) não falto(u) nenhum ? linha 593
- \*CHI: que(r) ent(r)a(r) linha 803
- \*CHI: ó@i aí (.) tem uma boquinha de \_pato .linha 1842
- \*CHI: é homem diz “/” boa \_ta(rde) . Linha 4293
- \*CHI: <que(r) um po(u)co d \_arra [: d \_água]> [<] linha 10163

Observa-se, nesse processo, fenômenos como: a generalização de regras, principalmente a regularização dos verbos, analogias, entre outras, sinalizando claramente o rápido progresso na aquisição da linguagem e a compreensão das primeiras regras da língua a qual está inserido.

Pode-se perceber por meio dos registros feitos que há um desenvolvimento sintático e semântico por parte do sujeito. No primeiro período tem-se poucas relações semânticas e algumas poucas regras de contexto linguístico, bem como, poucas regras também na ordem das palavras, uma vez que as idéias são expressas por meio de uma única palavra, geralmente. Aos poucos se percebe que ocorrem alterações e as relações sintáticas vão ficando cada vez mais complexas e inicia-se um processo onde se manifesta a ordem de sujeito, verbo e complemento.

Constata-se ainda nas gravações (ainda que nas partes aqui apresentadas não consta) que ocorre certa adaptação na fala dos adultos dirigida à criança, como por exemplo, frases mais curtas, vocabulário mais simples, estruturas sintáticas simplificadas e conclui-se que de certa forma o vocabulário está a serviço da realidade mais imediata. Ocorre também uma série de repetições, principalmente quando são perguntas dirigidas à criança e esta não fornece uma resposta, há uma insistência para tentar instigar uma reação e em algumas situações o próprio sujeito PA repete as falas os adultos.

## 2 METODOLOGIA

Acreditando ser possível compreender melhor a aquisição de uma língua como um processo evolutivo que opera em escala de tempo e que depende da maturação dos processos neurais e de toda rede neuronal, da exposição à interação sócio-ambiental, e ainda de um terceiro elemento que é a capacidade inata do sujeito, a psicolinguística pesquisa a filogênese e a ontogênese da linguagem. Os estudos têm demonstrado que a aquisição da língua depende dos três fatores acima mencionados. A diretriz metodológica embasa-se na investigação dos processos que operam na

aquisição da linguagem como um processo emergente e evolutivo. As informações aqui ressaltadas foram coletadas de pesquisa bibliográfica e investigativa de diversas obras que discutem o desenvolvimento sintático e dos dados referentes ao sujeito PA integrantes do banco mundial de dados CHILDES, que vem sendo alimentado pelos bolsistas de iniciação científica que integram o grupo de pesquisa do CNPq, Produtividade Linguística Emergente, coordenado pela Dr<sup>a</sup> Leonor Scliar-Cabral. Os *corpora* foram colhidos durante a pesquisa de doutorado na USP. São mais de 15h de gravações feitas em períodos intercalados correspondentes a idade de 1ano 8 meses e 21 dias até 2 anos, dois meses e 8 dias. O acesso aos dados pode ser efetuado no site (<http://childes.psy.cmu.edu/>), coordenado por Brian MacWhinney.

Faremos um recorte de leitura das etapas iniciais do processo de aquisição e desenvolvimento da sintaxe.

### 3. DIFERENTES TEORIAS, DIFERENTES POSICIONAMENTOS

O estudo da aquisição da linguagem visa a explicar de que modo o ser humano parte de um estado no qual não possui qualquer forma de expressão verbal e, naturalmente, ou seja, sem a necessidade de aprendizagem formal, incorpora a língua de sua comunidade nos primeiros anos de vida, adquirindo um modo de expressão e de interação social dela dependente. Quando se pensa em aquisição da linguagem, não se pode esquecer que há uma série de capacidades do indivíduo envolvidas nesse processo, há também um processo de aprendizagem: ainda que as situações sejam um tanto caóticas, toda criança, em princípio, consegue estratificar informações linguísticas e naturalmente adquirir uma língua, tida como materna se for a língua da comunidade que está inserida, ou mais de uma, no caso de bilinguismo. A aquisição de cada língua irá requerer a identificação de seu sistema fonológico, sua morfologia, seu léxico, o que há de peculiar em sua sintaxe e no modo como relações semânticas se estabelecem. Sob essa perspectiva é possível afirmar que o processo de aquisição da linguagem apresenta um padrão de desenvolvimento com muitas características comuns aos diferentes indivíduos nas diferentes línguas e também que a linguagem é comum à espécie humana e não a outros seres vivos.

A linguagem, ao mesmo tempo em que é algo natural no ser humano, é algo extremamente complexo: como explicar que muito antes de aprender a trocar a própria roupa, amarrar o próprio sapato, a criança é capaz de produzir quase a totalidade do sistema gramatical de sua língua? Como consegue construir orações como: eu “vô usá ota cueca”, (PA um ano e dez meses) ou “ó@i aí (.) tem uma boquinha de pato”? (PA dois anos e dois meses)

Ainda que sob a ótica da Psicolinguística, a aquisição e o desenvolvimento da sintaxe por parte das crianças, seja algo muito específico, é importante que se estude e se reflita sobre, pois, com isso se compreenderão melhor os processos e as fases de desenvolvimento das mesmas, podendo-se assim remediar problemas e desenvolver melhores metodologias de trabalho no caso de sistematização do ensino de línguas.

O desenvolvimento sintático e aquisição da linguagem realizado pela criança é visto e estudado sob diferentes correntes teóricas, apresentaremos brevemente algumas das correntes que mais tem se destacado nos meios acadêmicos.

Inicialmente, por ser uma das pesquisas mais antigas, apresentamos algumas considerações referentes ao comportamentalismo, que tendo Skinner como um dos seus principais representantes, defende que “a linguagem é um dos comportamentos aprendidos mais complexos” (FINGER/QUADROS, 2008 p. 28.). Para os comportamentalistas a linguagem é um comportamento aprendido, um hábito, e emerge a partir da interação do ser com o *imput* fornecido pelo meio. A questão da aquisição para o behaviorismo é entendida como um processo em que a criança assume um papel de sujeito passivo, isto é, só recebe a informação que vem de fora e a assimila. A criança adquire a linguagem através de estímulos (*imput*) da fala do adulto que a cerca, sendo estimulada por reforços negativos ou positivos que são dados pelas outras pessoas em seu meio. “A criança é tabula rasa (não possui qualquer tipo de conhecimento prévio ao nascer) e, portanto, só aprende uma língua específica se alguém ensiná-la”, (FINGER/QUADROS, 2008 p. 38 sgts). O ambiente é o provedor de conhecimento que ela irá adquirir.

Outra perspectiva, gerativista, defende que a linguagem tem caráter Inatista, pois pressupõe a existência de um mecanismo inato que é responsável pela aquisição da linguagem, chamado de gramática universal (GU). Esta corrente teórica busca compreender o conhecimento humano usado para falar qualquer língua natural. Defendem que existem ideias adventícias (vindas de fora), fictícias (criadas) e inatas (pré-determinadas) que não podem ser explicadas por experiências sensoriais. Afirmam ainda que é através da GU e de outros mecanismos fonológicos, fonéticos e lexicais que o ser humano é capaz de produzir e compreender uma sentença nunca antes vista, para tal é defendido a hipótese de Competência, **que** é o conhecimento que o falante tem da gramática de sua língua e o Desempenho, **que** é o uso desse conhecimento. Ao contrário dos comportamentalistas, a linguagem não é uma habilidade comportamental é um processo, não só biológico, mas também cognitivo. Segundo Chomsky, (*apud* FINGER/QUADROS, 2008, p. 50) a criança possui um “**Dispositivo de Aquisição da Linguagem**”, **DAL** que é acionado através de frases ou falas dos adultos, gerando assim a gramática a qual a criança está inserida (contexto do

cotidiano). Linguagem, portanto, é o conjunto de representações mentais e língua é concebida como um conceito político, sendo que os autores defendem dois tipos, um externo ao indivíduo e outro interno ao indivíduo.

Para outras correntes como a da “Epistemologia Genética de Piaget, a linguagem é constituída a partir do encontro de um funcionamento endógeno do ser humano com a vida social” (FINGER, QUADROS, 2008, p.84). Para essa corrente teórica, o entendimento de sintaxe é o mesmo dado por Chomsky: há uma sintaxe, lógica e cronológica, ou seja, há uma lógica das ações e dos espaços temporais constituindo uma sintaxe universal que possibilita o desenvolvimento da linguagem e, à medida que a criança vai se desenvolvendo, vai também desenvolvendo seu processo cognitivo. Piaget desenvolve então a teoria entendendo que o aparecimento do simbolismo depende da evolução da inteligência sensório-motora pré-verbal. A linguagem nasce da interiorização dos esquemas sensório-motores produzidos pela experimentação ativa da criança. Existe uma elaboração contínua de novas estruturas, que servem para interação e compreensão do meio. A linguagem será construída mediante a interação entre criança e meio, mostrando-se como um reflexo das capacidades cognitivas. Nesta proposta teórica, o surgimento da linguagem ocorre apenas no período representativo, em torno dos dois anos. Nesta idade, “a criança desenvolve a função simbólica, que lhe permite representar mentalmente seus esquemas de ação” (FINGER, QUADROS, 2008, p.85). Pode-se entender então que são considerados pré-requisitos para adquirir linguagem a capacidade de permanência do objeto e, portanto, de representação. O surgimento da função simbólica permite à criança desenvolver a imitação diferida, o jogo, o desenho, as imagens mentais e depois a linguagem. A linguagem é encontro entre o funcionamento endógeno (orgânico) de um ser humano com a vida social. O conhecimento e a linguagem começam na experiência, mas não derivam dela, a criança reorganiza seu mundo por intermédio de imagens mentais (função semiótica-capacidade neurológica de distinguir o significado do significante) (FINGER, QUADROS, 2008, p.88).

Para a Epistemologia Genética a aquisição da linguagem se dá pelo processo de evolução da cognição: a) percepção: presença do objeto; b) imitação (ausência da presença do objeto); c) imagem mental: ausência do objeto. Interessa a Piaget as condições e a capacidade de que dispõe o indivíduo para construir representações contextuais, é uma das condições necessárias para que o ser humano receba influência do meio e para que possa adquirir a linguagem.

Já para os interacionistas ou socionteracionistas a principal função da linguagem é a possibilidade de interação e comunicação, onde o apelo social suplanta o linguístico. Reconhecem que há uma relação dialógica entre os termos das orações e que há heterogeneidade e imprevisibilidade das

produções infantis iniciais (FINGER, QUADROS, 2008, p.129-131). A visão interacionista, que tem como uma de suas principais representantes Cláudia de Lemos, a aquisição se dá como efeito do funcionamento da linguagem. Isso significa que questões de linguagem são tratadas no âmbito da linguagem e não como determinada pela cognição, ou pelo social. A partir da proposta teórica de Cláudia de Lemos, a inconstância das posições ocupadas por este sujeito em constituição, observando a relação que este tem com sua fala e com a fala do Outro da Linguagem, “criança se aproveita da fala do outro (outro falante)” (FINGER, QUADROS, 2008, p.134). A fala da criança é indeterminada do ponto de vista categorial. Porém, elas são dialogicamente determinadas, pois estão em relação com outra fala. Observa-se na relação adulto/criança a importância do papel do Outro na constituição da criança como sujeito, pois será o Outro da linguagem que ressignificará a fala dela, ou seja, interpretará e analisará sua fala dentro de um sistema dialógico, de acordo com seu mundo social e físico. Portanto, a fala da criança é ressignificada pelo adulto num processo dialógico estruturante que permite a participação da criança. É assim que o adulto reconhece-a como sujeito, pois passa a introduzi-la no universo do simbólico.

Através do diálogo é possível notar a heterogeneidade apresentada pela criança no momento de suas produções, que, quando manifestada há constantes mudanças, tanto de “acertos” quanto de “erros”, ocorrem devido às capturas que a criança faz quando é introduzida no funcionamento da língua pelo o outro (adulto). Assim, “a heterogeneidade que a fala da criança exibe com relação à língua constituída atesta uma articulação significativa do sujeito na língua” (FINGER, QUADROS, 2008, p. 142). Por essa possibilidade de comunicação e de relação com a linguagem no discurso, a criança terá várias mudanças em sua fala, percorrerá uma trajetória de nada dizer a sujeito-falante, que se manifestará conforme a posição que se encontra em relação a fala do outro, e em relação a sua própria fala.

Através dos efeitos do funcionamento metafórico/metonímico da linguagem é possível notar as mudanças ocorridas na fala das crianças. Assim, observar este funcionamento é perceber as mudanças que emergem na fala da criança - substituição e deslocamento que permitem o aparecimento do acerto ocasional do erro, e até mesmo do reconhecimento do erro. Segundo Cláudia Lemos (*apud* FINGER, QUADROS, 2008) estas ocorrências têm origem nas posições que o sujeito ocupa relativamente à língua. Para a autora, são três posições: (FINGER, QUADROS, 2008, p.137/138), a primeira posição em que o polo dominante é o outro, sujeito e língua; segunda posição em que o polo dominante é a língua, o estatuto do outro e do sujeito e, no que se refere à terceira posição, em que o polo dominante é o sujeito, o estatuto da língua e do outro.

A primeira posição é, portanto, marcada pela caracterização da fala da criança como o reflexo da fala do Outro. Ela é dependente e alienada nesta fala. Permanece em sua fala ocorrências já ditas em diálogos pronunciados anteriormente pelo o Outro da linguagem. As substituições metafóricas e os deslocamentos metonímicos ocorrem de acordo com a captura feita pela criança em relação à fala do Outro, na qual ela está presente. A criança reconhece sua imagem no corpo do Outro, assim alienando-se a ele pela linguagem, que a significa como falante, criando um vínculo de identificação.

Seja qual for a corrente teórica e as definições dadas, podemos continuar nos questionando, como Chomsky: como a criança, em um espaço tão curto de tempo, pode adquirir a gramática de sua língua materna, exposta, como está, a dados tão imperfeitos? <sup>1</sup>

Acreditamos e concordamos que realmente há uma pobreza de estímulos, isto é, a criança está exposta a um input linguístico fragmentado, desordenado e incompleto e ainda assim consegue rapidamente agrupar e estruturar seus conhecimentos linguísticos organizando e completando as informações necessárias para aprender a falar uma língua natural. (MIOTO et.al. 2004, p.32)

Dada às pesquisas de muitos linguistas, principalmente da corrente inatista, coordenada por Chomsky, desde a década de 50 do século passado, sabe-se que as crianças aprendem a falar e a organizar sua linguagem não por imitação, mas por já possuírem capacidades cognitivas e estruturas internas específicas para a linguagem que se desenvolvem nas interações e processamento. Isso pode ser verificado a partir da análise da fala de crianças que produzem sistematicamente palavras ou frases que nunca ouviram, por exemplo, o sujeito PA: “gagá” ao referir-se a gravador, “ubô” (1;8.21, idade) para derrubou, dentre outros. E tais exemplos não são só reconhecidos como características de crianças como facilmente se pode reconhecer que são produzidos com sistematicidade por elas, não acontecem situações em que um dia a criança diga “ubô”, no dia seguinte derrubou voltando a dizer “ubô” três dias depois. As crianças são sistemáticas durante seu desenvolvimento.

Ao analisar o desenvolvimento linguístico de uma criança é possível ao mesmo tempo perceber que esse processo é vivido mais ou menos da mesma forma por todas as crianças, ou seja, é universal e sequencial (COSTA e SANTOS 2001) e acontece de forma muito rápida se comparada a outros aspectos de desenvolvimento da criança.

A criança começa com frases simples, inicialmente uma única palavra, ainda que com muitos significados ou vários referentes e aos poucos começa

---

<sup>1</sup> Essa interrogação foi traduzida e reelaborada por SCLJAR-CABRAL no artigo Evolução das pesquisas em aquisição da linguagem oral monolíngue no Brasil, 1989 p. 39.

fazer generalizações e aplicações de algumas regras, mesmo sem muita ou nenhuma consciência disso, tanto que ninguém ensina gramática aos bebês de forma explícita, o que não os impede de dizer algo como: “ó ubô” (olha, derrubou), ou “põe ág(u)a” (segurando copo e pedindo água), e associado a isso ainda pode-se perceber que se a criança realiza algumas palavras ou frases que não correspondem às formas gramaticais dos adultos e ao ser corrigido não reage positivamente a correção feita.

No processo de desenvolvimento da linguagem da criança é possível perceber que existe uma diferença muito grande entre aquilo que a criança entende e aquilo que a criança é capaz de produzir, em estudos de Costa e Santos (2001, p.34-35), Fromkin e Rodman (1993, p. 351-373) dentre outros, percebe-se claramente essa diferença, desde muito cedo os bebês aprendem a discriminar e a distinguir sinais acústicos diferentes, ainda que não sejam capazes de expressá-los claramente.

Dado que as crianças não aprendem uma língua armazenando todas as palavras e todas as frases numa espécie de dicionário mental gigantesco, mas aprendem a formar frases e progressivamente se apropriam das propriedades da língua as pesquisas mostram que esse processo de aquisição acontece de forma gradual e progressiva, diz-se então que a língua é adquirida por fases e que cada fase sucessiva se aproxima mais da gramática do adulto.

### 3.1 Etapas ou fases da aquisição da sintaxe

Existe uma etapa chamada de etapa pré-linguística do desenvolvimento da linguagem que compreende o período do nascimento até aos nove ou dez meses da idade da criança. O choro é primeira e principal ferramenta de comunicação do bebê nesta fase de vida, já que é através dele que terá as suas necessidades atendidas. Entretanto, aqui trataremos com mais atenção o início da etapa linguística que se caracteriza pela emissão das primeiras palavras. Observaremos aqui três etapas desse desenvolvimento, que é o que se pode observar no processo de aquisição do sujeito PA: a) holofrase; b) fase das duas palavras ou primeiras frases; c) o início da organização de frases mais complexas. Tais etapas ou fases constituem um processo muito intenso e se dá em um curto espaço de tempo se comparado a outras capacidades humanas.

Essas fases de desenvolvimento variam para cada criança, ainda que se manifestem na mesma ordem, não se dão exatamente na mesma idade.

Alguns pesquisadores, entre eles López García (1988), propõem três etapas na aquisição da sintaxe por parte da criança, sendo a primeira da holofrase, a segunda, duas palavras, a oração desdobra-se num substantivo e numa palavra funcional, ou seja, corresponde à regra «oração = classe funcional + classe aberta (substantivos), a terceira etapa do desenvolvimento

sintático caracteriza-se por ulteriores subdivisões da classe das palavras funcionais.

O período holofrástico é caracterizado por palavras que correspondem a uma oração e que tem um valor diferente para cada contexto de uso. No início as crianças começam a usar mesmos sons para “significar” a mesma coisa, “mostrando que já aprendeu que os sons se relacionam com significados” (FROMKIN, RODMAN 1993, p.354). A maior parte das crianças parece passar por esse processo. A criança pode ampliar o significado de uma palavra, parte de um referente específico e passa a abranger uma classe mais ampla, muitas vezes usada para comunicar uma variedade de ideias e/ou emoções, até mesmo conhecimento social. Por exemplo, entre muitas outras, nas gravações de PA encontramos:

\*CHI: nenê, linha 489.

\*CHI: <mamãe> [>]. linha 1174,

\*CHI: pocô [= porco=pig], linha 1629

O substantivo “nenê” foi utilizado em um contexto para indicar que havia uma gravura de uma criança dormindo entre outros objetos (brinquedos) que estavam no ambiente, mas em outras situações foi utilizado como se referindo a ele próprio. E o substantivo “mamãe” foi utilizado para indicar uma situação de contentamento e satisfação onde o sujeito PA tenta demonstrar isso a mãe e em outras situações para indicar que estava ouvindo a voz da mãe que estava chegando, por exemplo. E o substantivo “poco” é utilizado para indicar uma carta com a gravura de um porco e também para indicar outro brinquedo. Há lingüistas que consideram essas palavras apenas como rótulos, mas a maioria acredita se tratar realmente de palavras equivalentes a enunciados. Essas palavras-frase com que se inicia a linguagem são geralmente substantivos, pois é justamente a classe de palavra que pode aparecer em várias posições da estrutura sintática.

A fim de confirmar o que a maioria dos autores vem afirmando sobre o período olofrástico foi retirado uma amostra de dados para verificar a frequência de uso das principais classes de palavras utilizadas pela criança. Foram selecionados aleatoriamente dos *corpora* da primeira gravação, arquivo pau001, 300<sup>2</sup> dados, onde 104 são verbos como: pode, vai, chega, sujo, caiu; 127 nomes como: mamãe, papai, tio, vovó, pé, porco e por fim 69 dados pertencentes a outras classes (interjeições, onomatopéias, sons não identificados): não, ó, meu, aqui, aiaiai, auaua, m. Esses dados dão

---

<sup>2</sup> Os dados são retirados dos *corpora* de forma aleatória e tem como objetivo principal exemplificar o que se está discutindo, pois o banco de dados constitui-se de um número muito maior de informações, inviável para ser considerado em sua totalidade nesse artigo.

indícios de que PA já está praticamente passando para a fase das duas palavras e muito brevemente estará do “telégrafo” ou pontual para o infinito.

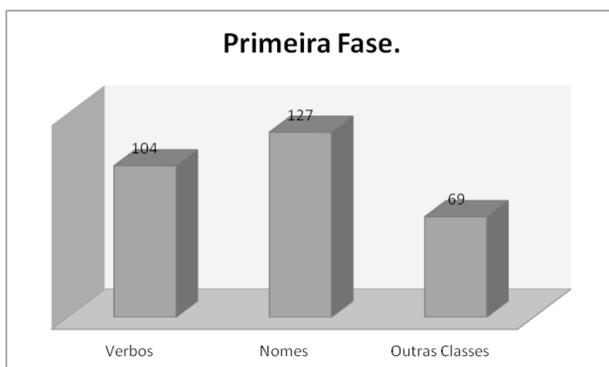


GRÁFICO 1: dados ilustrativos da primeira fase.

Por volta do segundo aniversário, a criança começa a proferir expressões de duas palavras, manifestando as primeiras relações sintáticas e semânticas, ainda que as marcas morfológicas e sintáticas não sejam expressas claramente, pois normalmente não há flexão de número e nem de pessoa e os pronomes são raros. Estudos realizados por Bloom (*apud* FROMKIN, RODMAN 1993) mostram que a maioria das frases são formadas por substantivo + substantivo, ainda que muitas vezes queira manifestar relação de sujeito e objeto. Progressivamente essa estrutura vai se modificando, a oração desdobra-se num substantivo e numa palavra funcional, ou seja, corresponde à regra «oração = classe funcional + classe aberta (substantivos)»; às vezes muda a ordem «classe aberta + classe funcional» ou falta a classe funcional, mas nunca se produzem enunciados sem termos da classe aberta. Como exemplo:

\*CHI: < titia Léu [= Leonor] # olha o gagá@f> (titia Leonor olha o gravador)

\*CHI: põe ág(u)a

\*CHI: não quero cadeira

Foram retirados aleatoriamente dos *corpora*, do arquivo pau002, 120 dados e podemos perceber que o sujeito PA nessa fase de combinação de duas palavras, ainda se utiliza em vários momentos de apenas uma palavra para se expressar (teríamos que controlar outras variáveis, pois muitas vezes são respostas pontuais por insistência dos adultos), verificamos que as combinações mais frequentes são de um verbo mais um nome e em seguida a combinação de dois nomes, constata-se também, ainda que em menor quantidade, a presença de outras classes gramaticais combinadas ora com verbo ora com nome.

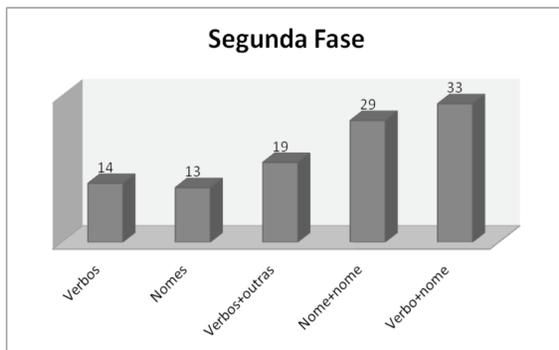


GRÁFICO 2: dados ilustrativos da segunda fase.

Quando uma criança começa a encadear mais do que duas palavras em sua produção oral ela não se limita mais a um número, de modo que parece não existir a fase das três palavras, mas ao contrário parece passar de duas palavras para infinitas formas de organização de sentenças. Segundo Fromkin E Rodman (1993) ainda é possível observar algumas características específicas, como por exemplo, o pouco uso de palavras funcionais, como preposições, artigos, conjunções, verbos de ligação e outras palavras de função tipicamente gramatical e outras classes funcionais, como adjetivos, possessivos e outros.

A terceira etapa do desenvolvimento sintático, portanto, é marcada por várias divisões das classes de palavras funcionais, a criança começa a utilizar, ainda que de forma limitada, pois está no início do processo de descoberta de que palavra deve combinar. A criança começa a descobrir que além das combinações, diferentes ordens traduzem significados diferentes e o mais importante de tudo isso, a “criança precisa dar-se conta que as palavras se associam a objetos ou a eventos, a combinação de palavras em frase serve para denotar algo que acontece no mundo.” (COSTA e SANTOS, 2001, p.103). É sabido que associar palavras a significado para quem está iniciando o processo não é tarefa fácil, tanto mais difícil é associar o significado das várias palavras para chegar ao significado de uma frase, tais combinações revelam que desde muito cedo há um sofisticado conhecimento gramatical, pois dificilmente a criança se engana na ordem das palavras.

Ainda conforme Costa e Santos (2001), Fromkin e Rodman (1993), mesmo que nas primeiras frases as crianças não manifestem elementos puramente gramaticais elas não se enganam na ordem das palavras, normalmente as frases são simples e não ocorrem casos de subordinação e também há uma forte tendência para a não realização de frases passivas e pouco uso de pronomes.

Retiramos 130 dados dos *corpora*, do arquivo pau003 e desses dados

constatamos que a ordem sujeito verbo e objeto, que é regra e constitui a maioria das orações do português brasileiro, está bastante clara e é predominante, bem como a estrutura verbo mais complement e sujeito mais verbo, foram os traços mais relevantes. Foram encontradas poucas orações subordinadas (“*é pá po®*”) e nenhuma oração na voz passiva e um número pouco significativo de orações pronominais. Constatamos que ainda há uma presença significativa de orações curtas formadas pelo verbo ou apenas pelo nome, uma das possibilidades dessa ocorrência é em função de perguntas diretas feitas ao sujeito PA podendo ser respondidas apenas com uma palavra.

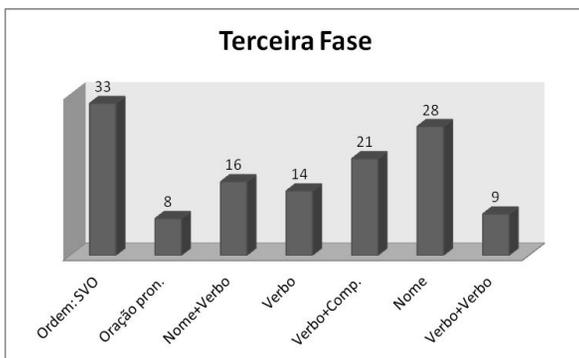


Gráfico 3: dados ilustrativos da terceira fase.

É evidente que o desenvolvimento sintático não se limita apenas a essas três etapas, por volta dos 4/5 anos a criança já adquiriu a sua sintaxe básica, mas vai constantemente aperfeiçoando o seu sistema até o final da adolescência. Mas aqui nos limitaremos a observar apenas o início do processo, pois, impressiona a extraordinária rapidez com que a criança desenvolve a sua dinâmica linguística, alguns autores/pesquisadores chamam de competência linguística.

#### 4 CONCLUSÕES

Não tendo como meta estabelecer novas descobertas, constata-se o que outros pesquisadores já afirmaram em outras pesquisas. Contatamos e reafirmamos que as produções orais das crianças não são palavras encadeadas por mero acaso, pois desde muito cedo revelam a aquisição dos princípios de formação frástica, e que também não aprendem por mera imitação, ao contrário vão construindo suas hipóteses em relação à língua. Este processo de desenvolvimento sintático também foi observado em nosso sujeito pesquisado.

A aquisição de cada língua irá requerer a identificação de seu sistema

fonológico, sua morfologia, seu léxico, o que há de peculiar em sua sintaxe e no modo como relações semânticas se estabelecem.

À medida que as crianças adquirem mais vocabulário e compreendem melhor a linguagem e suas funções, cada vez mais se aproximam da gramática dos adultos e começam a usar palavras de funções sintáticas e gramaticais, além de perceberem e utilizarem também morfemas flexionais da língua.

Podemos inferir a partir das constatações que a aquisição da linguagem depende de estratégias de que a criança se utiliza para compreender, extrair, opor, agrupar, reproduzir, generalizar e empregar em seu discurso. “Cada criança reutiliza, reestrutura, recria à sua maneira, em função das suas capacidades perceptivo-motoras e de seu processo de maturação e do contexto sociocultural a que está inserida” (MACHADO,1994).

Constatamos também que embora sob perspectivas teóricas distintas as pesquisas defendem e apresentam como ponto em comum que a trajetória do desenvolvimento da linguagem parece ser universal e contínua, passando pelos estágios: do balbucio, produção de sons, vogais (3-4 meses), consoantes e vogais (em torno dos 6 meses), das primeiras palavras, entre os 10 e 12 meses, dos enunciados de uma palavra, entorno dos 12 meses, do crescimento vocabular, entre os 16 e 20 meses, iniciando concomitantemente a fase holofrástica e telegráfica, primeiras combinações de palavras, entre os 18 e 20 meses, por fim, explosão vocabular, entre os 24 e 30 meses, domínio das estruturas sintáticas e morfológicas, entre os 3 anos e 3 anos e meio completando o processo até o final da adolescência.

## REFERÊNCIAS

CORREA, Leticia M. S. Aquisição Da Linguagem: Uma Retrospectiva Dos Últimos Trinta Anos. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/delta/v15nspe/4022.pdf>. Acesso em 27 nov. 09.

COSTA, J.; SANTOS, A.L. *Afalar como os bebês. O desenvolvimento lingüístico das crianças*. Lisboa: Caminho.2001.

FINGER, I. QUADROS, R. M. de (Orgs.). *Teorias de Aquisição da Linguagem*. Florianópolis: Editora da UFSC. 2008.

FROMKIN, V.; RODMAN, R. Capítulo 10 “Da Boca dos Bebês: Aquisição da Língua pela Criança”. In: *Introdução à Linguagem*. São Paulo: Editora Coimbra Almedina. 1993, p351-373.

LÓPEZ GARCÍA, Á. *Psicolingüística*. Madrid: Editorial Sintesis. 1988.

LURIA, A. R. *Conciencia y lenguaje*. SHUARE, Marta (trad.). Madrid: Visor Libros. 1984. 2ª edição

MACHADO, J. B. O desenvolvimento da sintaxe nas crianças. 1994. Disponível em: <http://alfarrabio.di.uminho.pt/vercial/letras/ensaio33.htm>. Acesso em: 23 mar de 2009.

MIOTO, C. SILVA, M. C. F. LOPES, R. E. V. *Novo Manual de Sintaxe*. Florianópolis: Editora Insular. 2004

SCLIAR-CABRAL, L. *A Explicação Lingüística em Gramáticas Emergentes*. Tese de doutorado, São Paulo: USP, FFCCHL, 1977.